

A MALEABILIDADE DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NOS CONTEXTOS DE ATUAÇÃO: UMA MEDIDA PREVENTIVA À PÓS-MODERNIDADE

THE MALLEABILITY OF THE PSYCHOLOGICAL EMERGENCY ATTENDANCE IN CONTEXTS OF PERFORMANCE: A PREVENTIVE MEASURE TO MODERNITY

Fernanda Marques Pereira¹

Resumo: A pós-modernidade trouxe inúmeras inovações e transformações sociais, tecnológicas, financeiras e psicológicas para a vida em sociedade. Decorrente de um ritmo acelerado e que preza pela produção e autossuficiência, a vida em uma sociedade contemporânea abarca algumas consequências para aqueles que tentam sobreviver a tantas imposições, regras, deveres e prazos. O objetivo desse artigo é de refletir sobre a prática da Psicologia inserida na contemporaneidade, bem como refletir sobre os produtos advindos da vida em sociedade pós-moderna, buscando entender as consequências subjetivas pelo mal-estar contemporâneo causado nos indivíduos, por meio da revisão bibliográfica que abarcava o tema. A partir dessa reflexão, é proposta a resignificação da Psicologia como prática clínica tradicional, indicando a importância de a mesma permear pelos cenários sociais políticos e públicos, adequando a sua atenção teórica e metodológica a todos os locais que dela necessitarem, ressaltando a importância de considerar as produções dos transtornos emocionais como consequências do funcionamento de tal sociedade. Considerando o novo funcionamento social no qual os indivíduos estão inseridos, busca-se o uso de uma modalidade de atendimento maleável e abrangente, propondo o uso do Plantão Psicológico como modalidade preventiva de atendimento psicológico. O resultado é o de proporcionar uma abertura para o novo, o dinâmico e o contemporâneo, criando um espaço de escuta e acolhimento para o momento em que o sujeito se sente em sofrimento, pois tal atuação permite sua adequação aos mais diversos contextos e estruturas para ofertar o atendimento psicológico.

Palavras-chave: Plantão Psicológico. Sociedade. Contemporaneidade. Psicologia. Prevenção.

Abstract: Postmodernity has brought innumerable innovations and social, technological, financial and psychological transformations for life in society. Due to its rapid pace and production and self-sufficiency, life in a contemporary society has certain consequences for those who try to survive so many impositions, rules, duties and deadlines. The purpose of this article is to reflect on the practice of Psychology inserted in the contemporaneity, as well as to reflect on the products coming from life in

¹ Psicóloga Clínica de abordagem psicanalítica. E-mail: fernanda.fermarpe@gmail.com

a postmodern society, seeking to understand the subjective consequences for the contemporary malaise caused in individuals, through the bibliography revision that covered the topic. From this reflection, it is proposed the re-signification of psychology as a traditional clinical practice, indicating the importance of it permeating the social and political social settings, adapting its theoretical and methodological attention to all the places that need it, emphasizing the importance of considering the productions of emotional disorders as consequences of the functioning of such society. Considering the new social functioning in which the individuals are inserted, it is sought the use of a modality of malleable and comprehensive care, proposing the use of the Psychological Emergency Attendance as a preventive modality of psychological care. The result is to provide an opening for the new, the dynamic and the contemporary, creating a listening and welcoming space for the moment when the subject feels in pain, since such action allows their adaptation to the most diverse contexts and structures to offer psychological care.

Keywords: Psychological Emergency Attendance. Society. Contemporaneity. Psychology. Prevention.

1 INTRODUÇÃO

O intuito desse artigo é o de refletir sobre a prática da Psicologia, encontrando uma modalidade de atenção psicológica que possa servir como possibilidade de intervenção preventiva, com grande potencial mobilizador para a promoção de saúde na sociedade contemporânea. Para isso são propostas breves reflexões sobre a sociedade pós-moderna e suas relações entre as mudanças estruturais e as transformações subjetivas sob viés psicanalítico.

Considerando que com tantas descobertas e invenções, aumentam-se as exigências impostas ao sujeito, mostrando a relevância de atualizar a Psicologia como promoção de saúde para não sucumbir aos movimentos complexos e acelerados da época. Surge a partir da revisão sobre a literatura existente que abarca o tema a modalidade do Plantão Psicológico (PP) que, apesar de conhecido, demonstrou durante a pesquisa a falta de estudos que demonstre a sua aplicação prática em contextos mais diversos.

A Psicologia surge como uma invenção da modernidade decorrente das novas formas de organização social que geraram transformações até hoje sentidas. Desde o seu surgimento, a concepção de um sujeito em crise de

identidade, que necessita de ajuda profissional para retomar a sua estabilidade emocional perdura até os dias atuais, visto que são marcados pelo funcionamento da sociedade pós-moderna, em que um excessivo individualismo se mostra como um dos grandes problemas e gerador de patologias, tornando a convivência social e a troca de afetos cada vez mais escassas e frágeis (FENSTERSEIFER; WERLANG, 2006).

Sabe-se que é produto da pós-modernidade as sempre presentes angústias e sofrimentos humanos decorrentes do que Karnal (2018) chamou de imperativo contemporâneo da felicidade e por isso o sujeito que vive na contemporaneidade dessa sociedade se define pelo desamparo e pela solidão, que se coloca como sintoma e fonte de crises psíquicas. Há aqui um jogo de forças entre os imperativos sociais reguladores que exigem a renúncia da satisfação imediata dos desejos e o imperativo social do prazer, que oferece satisfação temporária para preencher a sensação de desamparo, produto final da sociedade pós-moderna, ambas se movendo pela renúncia e satisfação do desejo enquanto potência. Conforme Birman (2017), o resultado final é de um autocentramento no eu e na consciência, expandindo a existência individualista pelo movimento de estar, em contrapartida ao descentramento do eu e de seu desejo, sempre buscando o controle da dor sentida pelo desamparo e pela renúncia, colocando e oferecendo ao outro seu corpo e seu psiquismo, criando a falsa sensação de uma troca igualitária de satisfações entre o eu e a sociedade.

Em uma sociedade individualista, que preza por atingir ao gozo próprio, vê-se cada vez mais uma cultura narcisista, em que precisar de ajuda soa como fracasso. A autossuficiência se torna sinônimo de capacidade e força, com isso, cria-se a falsa ideia de que o eu se basta sozinho, precisando do outro apenas para atingir uma satisfação temporária. As consequências dessa cultura são inúmeras. Birman (2017) cita Durkheim (1967) para se referir a propagação de violência que se torna fruto do narcisismo, na busca incansável para atingir o próprio estado de satisfação em detrimento ao do outro. Além

disso, a violência física ou emocional assegura uma válvula de escape às resistências as satisfações em prol da harmonia social.

Tal violência está presente na cultura do belo e da perfeição, no imperativo do prazer, na solidão que acompanha a superficialidade das relações, na incapacidade de voltar a atenção ao próprio cuidado, todas consequências e características da pós-modernidade. O viver se torna marcado pelo medo da violência, seja ela auto-infligida, interpessoal ou coletiva, pela falta de expectativa e crença, pela ambiciosidade, pela falta de afeto e de respeito (FENSTERSEIFER; WERLANG, 2006).

Santi (2000) mostra que pensando na sociedade individualista e na corrida para preencher o vazio existencial, nota-se a insensibilidade frente ao outro e a sua dor, a falta de esperança e de sentido para a vida, o desrespeito e a solidão. Além disso, com o advento da ciência moderna e a extrema valorização da razão, perdeu-se a utopia, que remete a nada menos do que a esperança, pois propicia o pensar em possibilidades, novas alternativas, mesmo que fantasiosas, mas que criam a sensação de continuidade.

Birman (2017) corrobora com Santi (2000) ao dizer que frente às incertezas decorrentes dos processos de globalização, a meta se torna viver sem se fixar a nada, sem esperar ou se comprometer, buscando preencher o vazio e sobreviver em meio a tantas cobranças e imposições. O que acaba se destacando é a ausência de pensamento, há pouco tempo para pensar, não apenas em sentimentos e emoções, mas fazer uso do pensamento para encontrar soluções, o que, para o autor, seria uma estratégia capaz de superar o mal-estar que vem sendo produzido.

Visto isso, fica claro que vivemos todos em um estado permanente de estresse, produzindo o que é chamado de mal-estar na contemporaneidade, que por sua vez, produz sintomas psicossomáticos, como os transtornos fóbicos, neuróticos, depressivos, alimentares, hiperativos, entre tantos outros. Propagando cada vez mais o processo social de medicalização ao encarar a doença e a morte como tabus a serem exorcizados frente a corrida social desenfreada de busca pela felicidade, que nada mais é do que uma busca por

qualquer coisa que seja capaz de preencher o desamparo (ALMEIDA; VITAGLIANO, 2009).

Na sociedade pós-moderna não há tempo para se curar ou sofrer, o tempo é precioso e a medicalização se torna imprescindível para que seja possível viver. O maior medo do homem pós-moderno é o de ficar sozinho, de cair no esquecimento e no vazio. O que soa contraditório, pois apesar desse medo, o narcisismo se faz tão presente, trazendo consigo a apatia, o descompromisso social e emocional, a necessidade de esconder o fracasso e a vergonha, a insatisfação e os comportamentos antissociais.

Dunker (2017) traz a noção de que há novas políticas do sofrimento cotidiano, considerando que novamente o tempo urge e os significados da vida ficam à deriva, marcando um vazio existencial que propaga a falta de formação de laços afetivos, restando a fuga do próprio sofrimento e desamparo na busca pelo falso estado de pertencimento social, onde os sujeitos se vêem perdidos sem saber quais destinos merecem os seus sintomas, produzindo estados cada vez mais aflitivos.

Destarte, Almeida e Vitagliano (2009), oferecem a ideia de que o tratamento medicamentoso atinge os sintomas dos problemas aqui apresentados, mas não arremata suas causas, cuja origem real é social e não apenas biológica, por isso, se o problema é social, como atender as demandas de um tempo precioso e irrecuperável ao aderir a concepção de ser apenas fisiológico? Como oferecer ajuda ao eu perdido no vazio existencial causado pelo desamparo quando, pelo narcisismo crescente, o fracasso deve ser a todo custo escondido?

2 O SUJEITO DA PÓS-MODERNIDADE

Quando falamos em pós-modernidade é válido ressaltar que se trata do ambiente em que a sociedade está inserida e caracterizada pela globalização e

pelo sistema capitalista, considerando todas as consequências que se revelam a partir de seu advento.

Em meados do século XIX e XX, com a invasão do mundo tecnológico e industrial, as mudanças no cotidiano se tornaram bruscas. Mudaram-se as formas de trabalho, os meios de comunicação, as estruturas sociais e as rotinas estabelecidas. Até o período seguinte à 2ª Guerra Mundial, os contextos sociais nos quais se davam a vida dos sujeitos se apresentavam estáveis, passando a mudar quando a pós-modernidade começa a se instalar. Até então, como apresenta Nicolaci-da-Costa (2004), o período vigente da modernidade apresentava um cenário social de estrutura sólida com poderes centrais, regras e hierarquias bem delimitadas. Com o advento da pós-modernidade, a insegurança se torna parte do contexto social quando barreiras e regras se quebram e o poder se descentraliza, modificando a relação entre homem-trabalho, dissociando o significado atribuído ao trabalho da existência humana.

Não existe uma ruptura bruta entre modernidade e pós-modernidade. Há, sim, uma continuação de uma para a outra. Enquanto na modernidade existia uma separação de suas esferas, na pós-modernidade tais esferas se misturam e se fundem, por exemplo, as fronteiras sociais, políticas, culturais e econômicas passam a perpassar uma o âmbito da outra.

Ainda segundo Nicolaci-da-Costa (2004), uma das características marcantes da pós-modernidade é a consequência visível na vida pessoal dos sujeitos. A incerteza, a insegurança, a ansiedade e o medo se tornam cada vez mais presentes no cotidiano, sendo gerados pela nova realidade do imediatismo e da cobrança por autossuficiência e pela necessidade de satisfação imediata do desejo.

Diferente da modernidade, em que havia uma ordem que mantinha o contexto social estruturado e organizado, a nova era da pós-modernidade manifesta o momento de pontuar a liberdade individual com o uso das novas tecnologias que propiciam com rapidez a ressignificação de conceitos e a modificação da organização social das relações, atravessando o vínculo social até então estabelecido.

Para Karnal (2018), uma vez que as representações sintomáticas contradizem a realidade tecnológica, o que se apresenta então são novos formadores de conflitos psicológicos e psicossociais ao exigir cobranças muitas vezes incompatíveis quando se considera o detrimento do desejo em prol do imperativo social de seu adiamento e de sua repressão. A falta de ordem, a fluidez das trocas sociais e a liberdade resultam na necessidade exacerbada de controle e segurança de sua própria vida e da vida do outro.

A construção da subjetividade passou e ainda passa por um processo da modernidade para a pós-modernidade. É por isso que para a psicologia se torna tão importante manter o conceito de indivíduo contextualizado e atualizado. Usa-se neste trabalho para isso a noção psicanalítica de sujeito desejante, que é movido por um lado pela falta e por outro lado pela busca da satisfação, inserido em uma nova ordem social e simbólica que o atravessa e o impele a processos de sublimação desse desejo (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

Essa noção atualizada e contextualizada dentro da pós-modernidade precisa considerar a noção de um “sujeito em estado-limite” (TOREZAN; AGUIAR, p. 552, 2011), que está passível a angústia, a apatia e a alienação, enquanto busca por uma suposta felicidade que, inconscientemente, suprirá a falta causada pela repressão de seus conteúdos pulsionais. Por estado-limite, os mesmos autores compreendem o funcionamento psíquico de sujeitos que não encontram plena satisfação de suas pulsões recalcadas, gerando uma angústia por vezes insuportável, que se manifesta na clínica atual nas patologias e transtornos como automutilação, depressão, transtornos fóbicos e alimentares, fenômenos psicossomáticos entre outros.

Esse sujeito contemporâneo é, para a psicanálise, aquele que enquanto busca respostas imediatas para o seu sofrimento, precisa se satisfazer com os novos objetos oferecidos pela pós-modernidade. Para Jacob e Cohen (2010), o mal-estar produzido hoje difere na prática da concepção de mal-estar do sujeito freudiano que vivia o seu sofrimento em um momento em que havia tempo para sessões semanais de análise ou com tempo para viver o luto de um objeto perdido.

Cabe a clínica psicoterapêutica da pós-modernidade acompanhar esse novo sujeito, com suas novas produções sintomáticas, que se angustia conforme percebe que o objeto perdido não está naqueles que prometem uma pseudo-felicidade, tentando traçar então um objetivo de entendimento dos novos sintomas para que haja a possibilidade da retoma de si.

A crise de identidade vista hoje se deu ao passo de toda a fragmentação social e emocional, levando a tendência de defender e proteger a identidade, sentindo a diferença como uma ameaça. Vê-se hoje que todas as explicações que davam razão e estrutura, se perdem. Passa a não existir mais um “real” propriamente dito, dando lugar a narrativas que estruturam uma possível realidade do presente vivido, pois apontar para um futuro se torna utópico.

É própria do período a descrença em qualquer coisa que possa ser posta em dúvida. O que se busca não é mais conseguir um bem maior, uma harmonia social igualitária, mas uma maximização da eficiência. Estão todos imersos, segundo Bauman (2007a) em um espaço social onde se pode escolher o futuro a ser vivido, optando pelo destino e sendo responsável por seus resultados. Todos passam a deixar de ser para vir a estar, ou seja, não há mais uma segurança também na formação de uma identidade. O que o autor prega é a facilidade que se instala na formação das opiniões, dos sentimentos, das escolhas, ou seja, das coisas todas que perpassam a vida do sujeito pós-moderno. Essa é a maior fluidez a qual Bauman se refere em partida à pós-modernidade ou sociedade líquida, assim chamada por ele.

A previsão de um futuro a partir de eventos passados se torna completamente arriscada e enganosa, pois a vida líquida se mostra parte de uma incerteza constante. Deve-se, nessa sociedade, despir-se constantemente dos atributos, características, até mesmo da identidade, que apresentam prazos de validade de acordo com as nossas ofertas do dia a dia. A insegurança tem se feito tamanha que, para Bauman (2007b, p. 92), aqueles que podem se permitir ao luxo da proteção, se “munem contra todos os perigos visíveis e invisíveis, presentes ou previstos, conhecidos ou ainda desconhecidos [...], trancando-se por trás de muros, [...] contratando

seguranças armados, dirigindo veículos blindados [...] ou frequentando aulas de artes marciais”, e isso reforça a noção de como vive-se em um mundo inseguro, desordenado e instável, reforçando o medo e a noção de um mundo assustador e perigoso a cada atitude defensiva adotada.

Em *o futuro de uma ilusão*, Freud (1927) atenta a um fato que se encaixa perfeitamente na vida em sociedade contemporânea, ao discorrer sobre o fardo de viver isoladamente, não sendo possível não sentir como um peso os sacrifícios que a civilização exige a fim de tornar possível e harmoniosa a vida em sociedade. Para manter a ordem comunitária, ou seja, para que a sociedade siga o seu curso de forma harmoniosa, é necessário defendê-la das disposições, mandamentos, instintos do indivíduo, protegendo-se contra os impulsos hostis do homem.

Todas essas dificuldades não são próprias da civilização, mas determinadas pelas novas formas culturais que se desenvolvem em cada época, colocando o indivíduo e a psicologia na tarefa de se redescobrir em meio ao caos causado pela incerteza constante e crescente de nossa época.

3 EXIGÊNCIAS DO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

Fica claro ao analisar as consequências do advento da pós-modernidade que, apesar de soar como fracasso, o homem necessita de ajuda que ofereça suporte emocional. Considerando isso, depara-se com a crescente necessidade de priorizar a adoção de um olhar ao contexto social no qual os indivíduos estão inseridos, pois, como afirma Bauman (p.7, 2007b), vive-se em

uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. (BAUMAN, p. 7, 2007b).

A formação do psicólogo desde a regulamentação da profissão esteve muito aquém das necessidades sociais da população. A psicologia começa a ser reconhecida tradicionalmente pela prática clínica particular, com ênfase em psicodiagnóstico e psicoterapia das patologias, mas com tantas transformações sociais, é reconhecida a importância de sintonizar a psicologia com as demandas sociais, exigindo da profissão um novo manejo pautado em um compromisso social, ético e político (PAPARELLI; MARTINS, 2007).

A definição de saúde também se reinventa. Saúde passa a ser um estado de bem-estar físico, mental e social, não consistindo apenas da ausência de uma doença ou enfermidade, o que amplia e mostra novamente a necessidade de voltar a atenção ao social (OMS, 2001). Rebouças e Dutra (2010) corroboram com essa concepção, ao apontar a necessidade de que os psicólogos pensem sobre o exercício da profissão, deixando a visão tradicional para se inserir em contextos variados, muitas vezes precários, adequando as práticas as condições vigentes.

Dutra (2008) e Rosário e Neto (2015) acreditam que o histórico da psicologia mostra que o manejo prático nos contextos de saúde pública são engessados em referencial teórico e metodológico, deixando de lado a importância da sociedade no discurso narrativo do sujeito, considerando que este se pauta e se expressa em demandas sociais, que por vezes estão inseridos em atitudes normalizadoras.

As mudanças as quais são referidas aqui são muitas. Mudou-se não apenas o conceito de saúde, mas os papéis da mulher e do homem, o trânsito, a violência, o desemprego, a comunicação, as formas de relação, ou seja, elevaram-se os índices de transtornos e inquietações sociais. Tira-se o homem de um lugar seguro e conhecido e o leva para um lugar onde a incerteza e o desconhecido imperam. É de suma importância adentrar nessa nova realidade que é tão dinâmica e propor um cuidado adequado, também dinâmico e preparado para atender às novas demandas, oferecendo um lugar de escuta, acolhimento e cuidado onde seja possível ressignificar o processo de

constituição da subjetividade dentro das dimensões sociais, temporais, políticas e culturais.

Vieira e Boris (2012) contribuem com os conceitos aqui tratados ao dizer que além dos profissionais aplicarem o que é aprendido nas universidades, se preocupam atualmente em compreender a psicologia inserida nas especificidades dos diversos contextos. Assim sendo, para oferecer o suporte necessário, o psicólogo contemporâneo precisa se comprometer com a escuta e o acolhimento onde quer que o sujeito esteja. Em vista da necessidade de flexibilidade para atender as novas demandas subjetivas e sociais, é possível encontrar uma prática psicológica que se inscreva no cuidado causado pelo mal-estar contemporâneo.

4 PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA MODALIDADE DE PREVENÇÃO

O Plantão Psicológico (PP) surgiu no Brasil em 1969 com a criação do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). O contexto da época de surgimento era de opressão da liberdade de expressão devido a ditadura militar e sua política coercitiva (SOUZA, 2010).

O PP surge com uma concepção preventiva e alternativa que oferece atendimento imediato que auxilia na urgência psicológica, reduzindo a lista de espera dos clientes que buscam o atendimento psicoterápico e evitando que a demanda emocional se torne crônica ou patológica.

Essa modalidade oferece um tipo de atendimento realizado com uma ou mais consultas, geralmente com um limite de sessões, sem duração pré-determinada para cada sessão, em que o psicólogo se dispõe a estar no local esperando para receber a pessoa que o procurar, sem a necessidade de agendamento prévio. Durante o atendimento, o psicólogo oferta uma escuta empática e respeitosa, buscando clarificar os sentimentos e desejos do cliente.

O trabalho nessa modalidade gira em torno de lidar com a queixa enquanto sintoma, para começar a reorganizar aquela pessoa, sua problemática e então fortalecê-la e oferecer as possibilidades que antes não eram vistas.

O serviço de acolhimento oferecido pelo PP possui começo, meio e fim, em uma única sessão, visto que trabalha com o conceito de que muitas vezes o cliente não necessita de uma continuidade no tratamento e consegue se sentir bem para seguir com a sua vida e lidar com as suas questões ao, em uma única sessão, conseguir aliviar sua ansiedade, angústias, temor, entre outros sentimentos. Souza (2010) comprova a ideia citando uma pesquisa realizada por Talmom (1990), em que se conclui que, “78% deles (clientes), quando questionados sobre o que os levou a desistir da psicoterapia [...], afirmaram que não a abandonaram, simplesmente não voltaram porque se sentiram satisfeitos com os resultados da primeira sessão.”

Ou seja, a mudança interna acontece como a possibilidade de ressignificação das experiências e vivências, dando sentido as emoções, sensações e sentimentos decorrentes da situação vivida, em que como desfecho busca-se dar ao cliente sua autonomia, reconhecimento de si e da situação, facilitando o processo de resiliência, de percepção de possibilidades e de capacidade de enfrentamento do cotidiano que está por vir.

Precisamos ter em mente que a realidade atual em que vivemos causa, com toda a globalização e suas consequências, um estado de tensão e desgaste ao homem, levando a insegurança, pânico, depressão, ansiedade, estresse, angústias, entre tantos outros (CHAVES; HENRIQUES, 2008).

Para a atuação dentro do serviço de PP, o profissional de psicologia precisa estar preparado para enfrentar situações que exijam rapidez nas respostas e que não possuem planejamento prévio, colocar-se como referencial de apoio no momento da necessidade, considerar que pode não existir outro contato com aquele sujeito que sofre, ser capaz de oferecer indicações e orientações que ajudem o sujeito a se reorganizar para conseguir lidar com sua própria situação.

Portanto, entendendo que a proposta de PP se configura como

situacional e, que, busca eliminar a tensão emergencial provocada pela crise por meio da facilitação da elaboração do que o sujeito está vivenciando e/ou sentindo, ressignificando sua situação-problema, é possível que essa seja uma modalidade de atendimento psicológico que se adequa a função de aliviar o sofrimento, prevenindo assim a formação de graves transtornos psíquicos, considerando o mal-estar causado pela sociedade.

O atendimento de PP se mostra preventivo por tornar possível por meio da escuta do plantonista o reconhecimento dos desejos e satisfações na narrativa terapêutica e reconhecer os efeitos individuais e coletivos que arrematam o sujeito, enquanto tenta lidar com os imperativos sociais e os imperativos do prazer, conforme debatido na introdução deste artigo.

Essa modalidade só é possível quando o profissional de psicologia se articula com as políticas públicas, com uma rede de apoio que possa ajudá-lo. É necessária a articulação com unidades básicas de saúde, projetos, clínicas de outros tipos de atendimento (tanto de psicoterapia quanto medicinal), também com o Estado, o colocando à disposição da sociedade que sofre naquele momento, enquanto responsável pela garantia de leis e direitos dos trabalhadores e cidadãos acometidos pela crise. Gomes (2012) acredita que o PP poderia ser uma das estratégias possíveis no objetivo de prevenção do mal-estar contemporâneo por poder atender um maior número de pessoas no momento próximo de suas necessidades, auxiliando na maneira usada de seus recursos e limites no enfrentamento da solidão, do desamparo, da angústia, da incerteza e do sofrimento.

Por ser uma técnica de atendimento situacional, que não exige planejamento ou agendamento prévio das sessões e também por não exigir um local único para os atendimentos, como é exigido da psicoterapia clínica, essa modalidade de atendimento se mostra maleável para se adequar aos mais diversos locais. É necessário, tendo em vista a produção de transtornos e angústias pela funcionalidade da vida pós-moderna, levar o atendimento psicológico aos centros onde os sujeitos passam a maior parte de seu dia. É também possível encaixar o atendimento preventivo que o PP oferta dentro das

empresas, escolas, hospitais, clínicas médicas, clínicas escolas de psicologia, instituições da área jurídica e esportiva, ou seja, dentro de qualquer local de trabalho que o homem ocupe, para que o mesmo possa ter por perto um atendimento que ofereça o alívio de seus sintomas e a prevenção ao agravamento destes.

Para que tudo isso seja possível, o Plantão conta com três vertentes norteadoras de seu trabalho: A primeira delas se refere a facilitação promovida pelas Instituições, propiciando um espaço físico e a organização do serviço, dispondo de recursos (rede de apoio externa, recursos humanos) a serem utilizados. A segunda vertente diz respeito a habilidade profissional para se colocar disponível de lidar com o não planejado e com a possibilidade de acolher uma demanda não conhecida. Por fim, a última vertente inclui a percepção do sujeito, de sentir o Plantão Psicológico como um espaço de acolhimento para o seu sofrimento e necessidade imediata.

5 DISCUSSÃO

Independente da abordagem teórica, o trabalho contextualizado do psicólogo exige uma tomada de posição política, social, ética e profissional, visto que seu contato durante a formação com a abordagem teórica de sua escolha lhe dá base para que possa atuar em diferentes contextos sociais de modo interventivo e preventivo nos momentos de crise. Dito isso, reafirma-se a necessidade de tornar a psicologia mais contextualizada com a sociedade na qual se insere, pensando em diferentes saberes, culturas, costumes, experiências, enfim, em cada idiossincrasia posta em jogo quando falamos de um indivíduo inserido na sociedade pós-moderna.

Passou a ser demanda da psicologia clínica uma nova postura e olhar diante do homem contemporâneo. Para isso, a psicologia rompe com o modelo metafísico baseado em uma técnica ou verdades inquestionáveis, indo de encontro com uma clínica ética e política, que se volta ao social em seu sentido mais abrangente. O Plantão Psicológico oferece um espaço em que o

profissional está disponível para o encontro com o inesperado, com algo que não permite planejamento, deixando se afetar pela individualidade de cada indivíduo, o que, portanto, permite tornar-se uma técnica preventiva por se colocar disponível ao imprevisto, ao urgente e principalmente por oferecer um cuidado emergencial no sentido de um tempo que urge, que não espera e que precisa das coisas no momento em que elas emergem e se fazem sentir.

Pela alienação causada na sociedade pós-moderna, pela incerteza, pelo medo constante, pela falta de segurança e por um indivíduo que se sente perdido, as atuais formas de adoecimento pedem ao psicólogo uma atuação preventiva, evitando que os momentos de crise se tornem transtornos psicossociais.

A atuação preventiva se refere a um manejo que tem como objetivo retomar o sujeito ao contato com seu próprio eu, ajudando-o a refletir sobre suas ações, os seus sentimentos, as suas responsabilidades, as consequências de seus atos, sobre o lugar que ocupa em suas relações, ou seja, propicia ao homem pós-moderno um espaço para a busca de alívio ou de autoconhecimento, em um curto período de tempo, pois com as novas demandas o tempo tornou-se indispensável.

Não somente a maneira como o tempo vem sendo usado é causa da falta de procura pelo cuidado psicológico, mas também a crescente cultura narcisista em que o fracasso toma o foco quando falamos em precisar de ajuda ou sentir-se desamparado. É preciso, como diz Birman (2017) dar um sentido para o desejo do homem, que é invadido pelos imperativos sociais e pelos imperativos de prazer, deixando-o tão desamparado na busca incansável pelo sentido e pelo destino de seu desejo, sem que seja em detrimento ao do outro.

Santi (2000) e Birman (2017) confirmam a ideia de que o pensamento permite a elaboração de soluções em uma estratégia capaz de superar o mal-estar pós-moderno, por justamente proporcionar a retomada de sentido e de autonomia, oferecendo ao sujeito a capacidade de pensar por si só, mesmo em meio a tantas informações e acontecimentos.

O Plantão Psicológico (PP) é uma medida preventiva a pós-modernidade por se desenvolver de maneira que não exige estruturas fixas e sim flexíveis, por se colocar ao dispor do incerto e do imprevisível. Ele se adequa e se encaixa em qualquer local, em qualquer horário. A técnica de PP consegue se encaixar no que falta, como o tempo. É de um manejo que possibilita o atendimento dentro dos lócus nos quais os sujeitos estão inseridos, oferecendo a estes a oportunidade de buscar ajuda em qualquer momento e em qualquer lugar. Se o sujeito não possui tempo para procurar uma clínica de psicologia, porquê não levar o atendimento até o sujeito?

Freud (1927) ao falar sobre o desejo do homem e do quanto este sofre com a sua repressão para que possa viver de modo civilizado conforme as exigências de tal civilização, permite o pensar sobre a possibilidade de diminuir o ônus desse sofrimento e sacrifício instintual imposto pela sociedade e buscar uma maneira – saudável – de compensar essa reprimenda e dar ao sujeito a sua tão buscada satisfação.

Durante o desenvolvimento do texto é notável que a busca pela satisfação nem sempre encontra um escape “saudável”, ainda mais quando se fala sobre a violência ou o uso medicamentoso para aplacar as sensações causadas pelo desamparo e pela angústia. Novamente, a prevenção pode ser feita por um psicólogo plantonista que esteja disposto nos mais diversos locais, pronto para atender com uma escuta empática e que trate da problemática trazida enquanto sintoma, pois como afirma Souza (2010), é possível sentir-se satisfeito com uma única sessão, com poucos minutos de conversa.

O homem pós-moderno precisa se adaptar para que consiga encontrar meios para solucionar seu cansaço e desgaste. A psicologia e o Plantão Psicológico surgem oferecendo a este sujeito um espaço para pensar em si, para voltar com a utopia que leva a esperança de poder enxergar possibilidades e caminhos, pois, como sugere Gomes (2012), a solução está na estrutura do atendimento do plantonista, por abarcar um maior número de pessoas no exato momento de suas necessidades, auxiliando no processo

catártico pela expressão de suas emoções, sentimentos, angústias, ou seja, pela expressão das dificuldades de ser um indivíduo pós-moderno.

Pensando no questionamento feito no início desse artigo, quando consideramos que as demandas são sociais e o tempo irrecuperável, a ajuda ao sujeito que se vê perdido no meio de tantas informações e exigências parte justamente dessa proposta ao indicar que o Plantão Psicológico age preventivamente aos inúmeros casos de adoecimento causados pela vida contemporânea.

Portanto, torna-se evidente que o conhecimento sobre a maleabilidade desta modalidade de atendimento proporciona uma abertura para novas atuações em novos contextos sociais, que, como ficou claro, se faz muito necessário nos dias atuais. É preciso que o tema seja discutido e incentivado, principalmente quando se propõe a inserção do Plantão Psicológico dentro das organizações, instituições, escolas e hospitais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um cenário em que os grupos e culturas se homogeneízam, os limites não são muito claros e as exigências se estendem. Novas formas de viver sempre trazem consigo novas formas de sofrimento, assim como projetam novas ideias de felicidade.

Logo, muda-se com a passagem para a pós-modernidade a maneira de encarar e viver, de reconhecer, partilhar e narrar o sofrimento. Com o impacto dessa mudança aprendemos a deixar de lado o que sentimos e o que o outro sente, trocando essa percepção pelos imperativos do foco, da organização e do planejamento.

É necessário que a Psicologia dê um mergulho profundo e real nos contextos históricos, sociais, culturais e políticos da sociedade vigente, se inserindo nos mais variados contextos para estar disponível a quem dela precisar, colocando a escuta de prontidão para acolher e compreender o que

acomete aos indivíduos, de acordo com suas realidades e formas de atribuir significações ao mundo.

Reconhecer a importância do uso do Plantão Psicológico como proposta preventiva ao adoecimento causado pelo mal-estar contemporâneo exige que se reconheça o sujeito atual como um ser desejante e que sofre as consequências das exigências sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B; VITAGLIANO, L. F. Patologias sociais e a qualidade de vida na sociedade moderna. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção -PPGEP – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**. Ponta Grossa – PR – Brasil. v. 01, n 02, jul/dez, p. 01-07, 2009,. DOI: 10.3895/S2175-08582009000200001. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/424/435>>. Acesso em: jan.2019.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007b.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHAVES, P. B; HENRIQUES, W. M. **Plantão Psicológico**: De frente com o inesperado. *Psicol. Argum.* abr/jun, v. 26, n.53, p. 151 – 157, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19831/19133>>. Acesso em: jan.2019.

DUNKER, CHRISTIAN. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DUTRA, E. Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ANO 8, n. 2, p. 224-237, 1º semestre de 2008.. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a08.pdf>> Acesso em: Dezembro/2018.

FENSTERSEIFER, L; WERLANG, B. S. G. Comportamentos autodestrutivos, subprodutos da pós-modernidade? **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 24, n. 47 p. 35-44, out/dez, 2006. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/pt/revista/psicologia-argumento/articulo/comportamentos-autodestrutivos-subprodutos-da-pos-modernidade>> Acesso em: fev,2019.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**, 1927. Volume XXI. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Ed. Imago, 1927 – 1931.

GOMES, F. M. D. Plantão Psicológico – Atendimento em situações de crise. Vínculo – **Revista do NESME**, v. 9, n. 2, p. 1-50, 2012,. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/v9n2/n2a04.pdf>>. Acesso em: jan., 2019.

JACOB, C. A; COHEN, R. H. P. O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** – Fortaleza, v. X, nº 2, p. 537-554, jun., 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n2/08.pdf>>. Acesso em: fev., 2019.

KARNAL, LEANDRO. **O dilema do porco-espinho**: como encarar a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A Passagem Interna da Modernidade para a Pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, 82-93, 2004,. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141498932004000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jan., 2019.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Relatório sobre a Saúde no Mundo**, 2001. Saúde Mental: Nova Concepção, nova Esperança.

PAPARELLI, R. B; MARTINS, M. C. F. N. Psicólogos em Formação: Vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n.1, 64 – 79, 2007,. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n1/v27n1a06.pdf>>. Acesso em: dez., 2018.

REBOUÇAS, M. S. S; DUTRA, E. Plantão Psicológico: Uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVI,1, 19 – 28, jan-jul, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004>. Acesso em: jan., 2019.

ROSÁRIO, A. B. NETO, F. K. Plantão psicológico em uma clínica-escola de psicologia: saúde pública e psicanálise. **A peste**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-48, jan/jun, 2015. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/a peste/article/view/30463>>. Acesso em: fev.2019.

SANTI, P. L. R. **A construção do eu na modernidade:** da Renascença ao século XIX – um texto didático. Ribeirão Preto: Holos, 2000. 130 p.

SOUZA, B. N. **Uma experiência de plantão psicológico no CTI:** semear e acolher. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belém, 2010. Disponível em: <<http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Bianca.pdf>>. Acesso em: dez., 2018.

TOREZAN, Z. C. F; AGUIAR, F. O sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** – Fortaleza, vol. XI, nº 2, p. 525-554, jun., 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n2/04.pdf>>. Acesso em: fev., 2019.

VIEIRA, E. M; BORIS, G. D. J. B. O Plantão Psicológico como Possibilidade de Interlocução da Psicologia Clínica com as Políticas Públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 883 – 896, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300010>. Acesso em: jan., 2019.

